



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:

Os desafios de um contexto em retrocesso

ALGUNS INDICADORES DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL

Ariana Castilhos dos Santos Toss Sampaio (Mestranda Geografia),
e-mail: ariana_marcos@hotmail.com

Maria das Graças de Lima (Orientadora), e-mail: mglima@uem.br
PGE- Programa de Pós-Graduação em Geografia Mestrado e Doutorado

Resumo: A Geografia enquanto ciência que estuda o espaço geográfico, busca compreender as mudanças que ocorrem no tempo/espaço oriundas das relações sociais que modificam estes espaço. Várias áreas do conhecimento vem realizando debates em torno da questão de gênero visando relatar os avanços e recuos com relação a igualdade entre todos. Desta forma, procuramos compreender porque em pleno século XXI esta igualdade ainda não foi alcançada e observamos os dados disponibilizados pelo site do IBGE- Instituto Nacional de Geografia para apontar as desigualdades ainda existentes.

Palavras-chave: Trabalho, desigualdade, gênero.

Introdução

A questão de gênero nos últimos anos tem sido discutida por várias áreas do conhecimento: Sociologia, História, Psicologia entre outras, relatando os avanços e recuos nos direitos das mulheres. “A difusão dos estudos sobre gênero têm possibilitado o estabelecimento de frutíferas discussões teóricas em várias áreas do conhecimento” (STREY, 2000, p.144).

A Geografia enquanto ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico, sendo este um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2006, p.39) procura compreender as mudanças que ocorrem no espaço ao longo do tempo. Deste modo, buscamos neste artigo entender como o espaço vem sendo transformado a partir das lutas feministas em busca de direitos. Espaços que antes eram frequentados apenas pela presença masculina hoje a mulher está inserida (mesmo que de maneira desigual e exploratória). Como exemplo podemos citar o direito ao voto, luta das sufragistas, em que puderam votar.



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:

Os desafios de um contexto em retrocesso

Com relação a espaços do trabalho, após a revolução industrial a mulher também passou a frequentar estes espaços, sem direitos trabalhistas, ganhando as menores remunerações, com os cargos mais inferiores. Contudo, participando de lutas e reivindicações por direitos, onde homens e mulheres passaram a gozar dos direitos da Consolidação das Leis do Trabalho-CLT, vemos ainda hoje, em pleno século XXI, a desigualdade de gênero persistir.

De acordo com os dados Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil, disponibilizados pelo site do IBGE, podemos identificar como ainda há obstáculos culturais a serem ultrapassados, refletidos na desigualdade de salários e alguns cargos ainda predominantemente ocupado pelos homens. Nesta pesquisa observamos que a mulher trabalha horas/dia mais que o homem e ainda a média de seus salários são inferiores. Nossa observação e registro foi sobre o trabalho das cortadoras e plantadoras de cana do município de Tamboara-PR.

Desta forma, é importante a contribuição dos meios acadêmicos para relatar as desigualdades que ainda ocorrem, para que a igualdade de gênero deixe de ser apenas uma utopia para se tornar realidade, como consta no Artigo 5º da Constituição brasileira.

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Para que a igualdade realmente aconteça é preciso que o sistema patriarcal “caracterização política de subordinar as mulheres aos homens” (STREY, 2000, p.26), persistente nas relações de parentesco na sociedade ocidental, incutido na sociedade e sustentado pelo capitalismo, possa ser substituído por uma sociedade, a qual os direitos e deveres são iguais para todos.



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os desafios de um contexto em retrocesso

Materiais e métodos

Para obtenção dos resultados foi realizado uma pesquisa bibliográfica e pesquisa documental utilizando os dados do IBGE- Instituto Nacional de Geografia/Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil e observações de campo, registrando o trabalho das cortadoras e plantadoras de cana-de-açúcar.

Resultados e Discussão

Como podemos observar na análise dos dados, as mulheres possuem uma representatividade maior com relação ao nível de escolaridade (Gráfico 1).

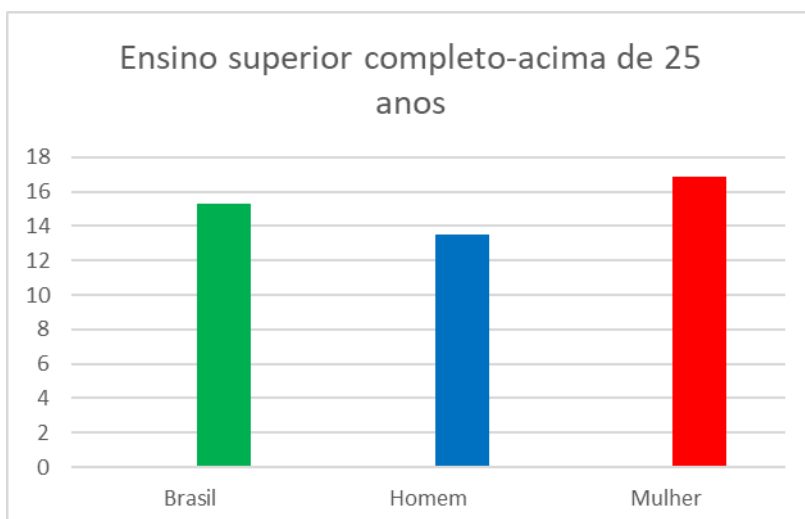


Gráfico 1- Nível de instrução da população de 25 anos ou mais - Ensino Superior completo

Fonte: IBGE- Estatísticas de gênero, 2016

Organização: Sampaio, A. C. S. T., 2018.

Contudo, este aumento na escolaridade não resultou em equiparação de salário, mesmo a mulher tendo uma maior inserção em ambientes universitários, isto não garante a elas igualdade no mercado de trabalho. E quanto maior a escolaridade maior é a diferença salarial entre os sexos.

De acordo com os dados do IBGE o rendimento médio das mulheres em 2016 é de R\$1.764 reais e o homem R\$ 2.306 e a média nacional de R\$ 1.808. A mulher mesmo se preparando para o mundo do trabalho ainda ocupa



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os desafios de um contexto em retrocesso

rendimento salarial inferior à média nacional. A situação ainda piora com pouca escolaridade, as mulheres costumam fazer serviços braçais trabalhando como domésticas, cortadoras de cana, serventes de obras entre outras funções que não exigem escolaridade.

Os cargos ocupados nas Universidades ainda é influenciado pelos papéis que homens e mulheres devem exercer na sociedade.

Esta forma é modulada histórica e socialmente. Tem como a característica a designação prioritária dos homens a esfera produtiva e a das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599).

Algumas pesquisas relatam que a mulher no ensino superior procura cursar áreas na educação, saúde, áreas relacionadas a cuidado “função que sempre foi da mulher” e que historicamente sempre foi confirmada pela escola.

Com relação a divisão sexual do trabalho em outros setores a proporção de mulheres é reduzido. No serviço público os cargos de assessoramento mais baixos têm mais mulheres, enquanto os cargos ministeriais do governo a participação da mulher é mínima, do total de 28 vagas, apenas 2 são ocupadas por mulheres. Nos setores privados com relação aos cargos gerenciais podemos observar que em todas as regiões do Brasil a maior porcentagem é ocupada por homens (Gráfico 2)

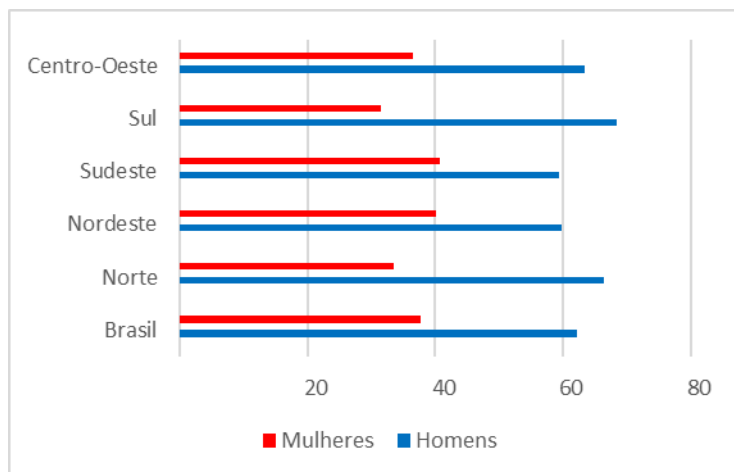


Gráfico 2: Participação das mulheres nos cargos gerenciais



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os desafios de um contexto em retrocesso

Fonte: IBGE- Estatísticas de gênero, 2016
Organização: Sampaio, A. C. S. T., 2018

Estes são alguns dados observados e refletem a desigual participação da mulher no mercado de trabalho, onde na maioria das vezes os melhores cargos e salários são disponibilizados para os homens.

Considerações finais

Portanto, como podemos observar na análise dos dados do IBGE, estes retratam a desigualdade de gênero no nosso País, relatando que a igualdade de gênero para ser consolidada será preciso quebrar as barreiras culturais que o sistema patriarcal ainda exerce, consolidado pelo sistema capitalista que visa apenas a competição e a desigualdade na sociedade.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Maria das Graças de Lima, e a CAPES, órgão financiador desta pesquisa.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.

Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da Divisão Sexual do Trabalho. In: Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, p.595-609. Set/Dez 2007.

(Tradução: Fátima Murad). Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatística de gênero, 2016. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=resultados>> Acesso em 06 maio 2018.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. 4º ed. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 2006.

STREY, M.N et al. Construção e perspectivas em gênero. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2.000.